

Um estudo sobre as obras de Hannah Arendt e suas contribuições para a compreensão da educação, da crise na educação e da relação entre aprendizagem e condição humana

Andrea Stefania Mascarello¹, Claudia B. de C. Nascimento Ometto²

1. Mestranda em Filosofia da Educação da Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP,* andreamascarello@hotmail.com

2. Professora titular da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

Palavras Chave: *Hannah Arendt, crise na educação, condição humana.*

Introdução

O objetivo desta pesquisa, desenvolvida entre agosto de 2013 e julho de 2014, visou construir, a partir das obras de Hannah Arendt (1906-1975), uma ampla compreensão de seus conceitos filosóficos, trazendo-os para o âmbito da educação, fecundando assim em pontuações que nos trouxeram (re)significações para a própria educação, para a crise na educação e para a relação entre aprendizado e condição humana. Arendt nunca foi uma pensadora especialista em educação, dedicando grande parte de sua carreira ao pensamento político, porém, sua inquietude em relação à crise no sistema escolar americano no século XX a motivou em suas observações quanto às questões que permeavam essa crise, presentes principalmente na obra *Entre o Passado e o Futuro*, de 1961.

Resultados e Discussão

A educação, sem dúvida, possibilita a participação dos sujeitos nos processos de aquisição e produção de conhecimento, mas também protagoniza processos classificatórios e discriminatórios, sendo ela paralelamente um espaço em que os alunos se concebem - ou deveriam se conceber - verdadeiramente humanos a partir do momento em que são proporcionados a eles momentos estritamente humanos: as próprias relações políticas entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Com base na autora, podemos afirmar que sim, a educação está em crise, justamente por ser detentora de poderes classificatórios, visando a práticas educativas igualitárias que transformam o sistema educacional na tentativa de atender a interesses de outros países, desconsiderando singularidades culturais numa prática educacional de massas. Dessa forma, Arendt nos traz a crise na educação compreendida a partir de três pressupostos básicos e bem conhecidos, como ela mesma destaca.

O primeiro pressuposto é sobre a relação entre o adulto e a criança. Arendt aponta que os adultos não reconhecem o mundo das crianças, um mundo novo. Justifica que por terem esse mundo novo, as crianças deveriam receber dos adultos mais espaços dentro do velho mundo – que já está posto –, como aposta de que ocupando esses espaços – do velho mundo – o novo mundo possa emergir.

O segundo pressuposto trata da prática do ensinar. A autora defende uma formação na qual o professor seja formado em uma disciplina específica a ser ensinada e não genericamente, como um sujeito formado no ensino, como se este fosse capaz de ensinar qualquer coisa, tal como ocorreu na educação americana no século XX. Esse cenário está presente nas realidades de nossas escolas, sendo comum encontrar professores formados em determinadas licenciaturas ministrando aulas de outras disciplinas, principalmente pela necessidade de suprir o déficit de profissionais formados e capacitados pelas

licenciaturas, reflexo também da desvalorização do profissional da educação.

No terceiro pressuposto, Arendt compreende que o mundo moderno entendeu que só é possível conhecer aquilo que nós mesmos fazemos: pronto, o aprendizado foi substituído pelo fazer!

A pensadora traz o exemplo da criança, que tem a atividade do brincar como o mais vívido e apropriado comportamento, uma atividade espontânea da existência da criança, em que o brinquedo traz além de vivacidade o aprendizado. As atuais pedagogias forçam a criança a abandonar seu comportamento vívido e lúdico, a favor de uma formação tecnicista e passiva, onde o brincar dá lugar ao trabalho e o aprendizado dá lugar ao fazer.

Conclusões

É preciso lutar por esse resgate, na escola, entre o pensar e o agir, entre o velho e o novo, entre o ato político e a ação. Entendendo-se a escola como instituição social e a educação como fenômeno sociopolítico, a teoria arendtiana traz relevante contribuição para a compreensão das políticas públicas para a educação, para o lugar da escola no mundo, para a função político-social do professor, da violência escolar, etc. (re)significando as possibilidades de ação, participação política e exercício democrático no interior das unidades escolares contemporâneas.

Arendt compreendia o político, antes de tudo, como o resultado do amor ao mundo, assim como via na ação a única maneira de se fazer política no mundo. Dessa forma, entendemos o quão é essencial o papel da escola nessa formação política do aluno, no pensar o mundo e no agir no mundo, pois o que move ou instiga o homem a tomar partido sobre os assuntos mundanos é seu interesse pelo mundo, seu sentimento de responsabilidade, sua ética diante do mundo.

Essa afirmação do amor pelo mundo e da responsabilidade sobre ele é, sem dúvida, a maior contribuição do pensamento de Hannah Arendt para o pensamento político e educacional contemporâneo.

Agradecimentos

Meu agradecimento à professora Claudia Ometto pela oportunidade de desenvolver minha terceira experiência como bolsista de Iniciação Científica, possibilitando problematizar inquietações pessoais, ampliando meus conhecimentos e contribuindo para o desenvolvimento da minha graduação em Filosofia, já concluída.

Instituição de fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

Arendt, Hannah. 2011. *Entre o passado e o futuro*. 7ª ed., São Paulo, Perspectiva, 348p.